

e o porvir de uma dynastia, tudo isso dependia do braço de Aben-Affan. Florescesse o louro em vez do myrtho, e Deus sabe quanto tempo ainda Silves obedeceria aos filhos do propheta!

Mas que importam os louros da guerra a quem se deixa adormecer nos braços do amor? Que vallem reinos, povos, crenças, dynastias, corpo, alma, vida, e tudo em comparação do rosto que encanta, dos olhos que enfeitiçam, dos cabellos em que nos deixamos prender, e da voz que nos cõa do ouvido ao coração phrases, expressões, palavras e simples interjeições, que valem mais do que o mundo inteiro?

O amor é uma loucura? Talvez. Assim como o louco só pensa na sua mania, o namorado não cogita senão do sentimento que o domina. O amor é uma embriaguez? Sim, é. É a embriaguez da alma, em uns passageira como a que o *Champagne* produz nos corpos, em outros profunda e duradoura como a do vinho do Porto, de Falerno ou do Syracusa. Má cousa é, pois, o amor, se nelle colhemos loucura e embriaguez? Não sei se é boa ou má. Os que o não sentem, discorrem diversamente ácerca dos seus effeitos; mas, chegada a hora de lhe prestar homenagem, abençoam a loucura, adoram a embriaguez, e lamentam que tão brandas sejam ambas!

Desditoso Aben-Affan! Tudo sacrificou a D. Branca, e mais sacrificára, se maior pudera ser o sa-

crifício! Desditoso? E porque lhe havemos de chamar desditoso? Não nos disse o poeta de D. Branca que

Aquélle engano de alma ledo e cego,

Que a fortuna não deixa durar muito,

basta que dure alguma cousa para merecer o sacrificio da vida? Aquella phrase — «Viveu-se; póde-se morrer» — que o traductor allemão do «Fr. Luiz de Souza» soube verter com o maior primor, não creio que a inventasse o nosso Garret, e mais sobrava-lhe talento para tudo. Achou-a em caracteres arabes em uma campa junto de Silves. Era o epitaphio de Aben-Affan.

N'estes pensamentos vinha eu inteiramente enliado, quando ouvi pronunciar ao meu lado o nome de *Torquemada*. Senti aquecer-me o corpo, e quiz-me parecer que cheirava a chamusco n'aquelle sitio, só de ouvir o nome do celebre inquisidor hespanhol. O trem parou, e eu olhei por um dos postigos do wagon com uma certa anciedade, como se nos fossem queimar ali em solemne *auto de fé*, por não querermos pagar annatas, nem ir de peregrinos á Roma defender o poder temporal! Historias! Já não ha inquisição nem inquisidores, e o nome de *Torquemada* cabe á terceira estação do caminho de ferro para cá de Burgos, por ficar proxima a uma aldeia que se chama assim.

Venta de Banhos é a quarta estação, em que, es

não me engano, vem juntar-se á linha de Burgos á de Santander. Depois está *Duenhas*, cujos habitantes pobres vivem em covas de terras abertas horizontalmente no outeiro em que estão as casas da povoação. O canal de Castella passa alli junto ao caminho de ferro sem receiar a concorrência.

D'ahi paramos alguns minutos em um sitio chamado *Cabezon*, e em seguida entramos na gare de *Valladolid*, gare provisoria como a de Burgos, e ambas de certo destinadas a hombraear com a belleza e magnificencia dos monumentos das duas cidades. Já as estou vendo com estatuas do Cid, do conde Fernão Gonçalves, do condestavel de Castella e de muitos outros famigerados campeadores.

Eu queria escrever aqui algumas linhas a respeito de *Valladolid*, porém a boa vontade de dizer aos leitores cousas uteis e agradaveis acha obstaculo invencivel na minha profunda ignorancia, e na minha preguiça. A estas duas razões, que me não parecem de pouco vulto, acresce que nos demoramos ali pouco tempo, e que eu nem do wagon desci, apesar da curiosidade de vêr *Valladolid*, as suas antiguidades e os magnificos quadros da escola nacional que ali se conservam. A historia de *Valladolid* prende em certos pontos com a da fundação da nossa monarchia, e em todos com as primeiras tentativas da unidade da peninsula hespanhola, pensamento vigoroso a que só a nacionalidade portugueza soube resistir.

Ora eu, se tivesse á mão o guia de Mr. de la Vigne poderia dissertar largamente ácerca de *Valladolid* com certos ares de quem unicamente se valia de recordações vagas, mas o guia está no fundo da mala e eu não gosto desta especie de erudição. Os leitores, que possuirem o dictionario geographico de Madoz, abram-o na palavra *Valladolid*, e ali encontrarão muito mais e melhor do que eu saberia dizer agora. Os que o não tiverem, tenham paciencia. Se eu voltar por estes sitios, ficarei vinte e quatro horas naquella cidade, só para lhes dizer o que ha que ver nella.

De *Valladolid* seguimos para *Valdestillas*, e com a competente demora nas estações de *Matapozuelos*, de *Pozoldes*, de *Medina* e de *Arevalo* chegamos a *S. Chidrian*, onde finalisa este pedaço de caminho de ferro, que em breve chegará até Madrid.

Os wagons hespanhoes são muito asseados, espaçosos e commodos, porém é pena que nestas novas linhas de Hespanha se não abandonasse o systema das carroagens isoladas, cujos inconvenientes ninguem hoje desconhece. A experiencia tem mostrado a necessidade de adoptar os wagons americanos com facilidade de communição de uns para os outros, e podendo occorrer-se, a quaesquer precisões urgentes dos viajantes. Em França, logo que comecem a renovar-se as carruagens, está resolvido que se mudará de systema. A Hespanha, que principia agora, podia já aproveitar-se dos fructos da experiencia alheia.

No serviço desta linha hespanhola notei uma tal exageração de asseio, que nos fez rir a quantos vi-nhamos no wagon. Em cada estação apparecia um homem a limpar com maior cuidado os vidros da carroagem pelo lado de fóra, e com tal cegueira de zelo o fazia, que em uma das paragens, não atten-tando em que o vidro de um dos postigos lateraes estava descido, pôz-se a limpar com um farrapo muito sujo; mas, como não achasse o vidro, e a mão naturalmente o fosse procurando, foi applicar a no-jenta rodilha á face de uma senhora que dormitava no canto do wagon! Grito da offendida, surpresa do asseiado castelhano, e gargalhada geral dos circums-tantes!

Os wagons são como os francezes, porém tiram-lhes as cortinas interiores, de modo que desde Val-ladolid o sol principiou a incommodar-nos forte-mente. Tivemos que pôr um panno a tapar os tres postigos de um lado para não chegarmos a S. Chi-drian chamuscados pelo sol, que já começa a ser ar-dentissimo. Um cavalheiro hespanhol, que vinha no mesmo wagon, vendo-me occupado a organizar a cortina provisoria, que devia preservar-nos dos raios do sol, disse:

— Isto é o menos; porém, quando chove, a agua entra pelas fendas do tecto dos wagons, e é como se a gente passeasse na rua sem guarda chuva! Como os wagons foram construidos em França, mandados para Hespanha em peças separadas, e aqui organi-

sados definitivamente, ficaram mal unidos os pedaços do tecto, e os viajantes expostos ás inclemencias do tempo!

Outra excentricidade, que tem seus visos de malicia caurinadora, é a que pratica a empresa das diligencias. Quem compra um bilhete de berlinda, que é o melhor logar e o mais caro, só tem direito a um logar de 2.^a classe no caminho de ferro. Eu já estava resolvido a aceitar esta collocação; porém, vendo que todos os viajantes pagavam a differença, e que o conductor me comprava o supplemento sem me consultar, annui a este pequeno logro, que me custou 24 reales. Confessemos que a empresa das diligencias dá nisto provas de uma modestia que não parece hespanhola! É uma confissão sincera de que não serve senão para pessoas de cathegoria secundaria! E tem razão! As pessoas de primeira ordem viajam em carruagem de posta, como as senhoras que encontrei na hospedaria de Burgos, e que vieram até aqui no mesmo wagon em que eu vinha.

O leitor hade ter curiosidade de saber quem são estas senhoras, e quaes foram as historias romanticas que a respeito dellas eu ouvi contar em Burgos.

Não tenha pressa, que ha de saber tudo. Nem eu tive curiosidade de esquadrinhar a vida alheia senão para lh'a repetir aqui com pontos e virgulas, e com todo o segredo e reserva propria de um livro impresso.

Em Burgos pouco me disseram. Mostráram-me

uma senhora de 22 annos pouco mais ou menos, vestida como a mais elegante pariziense, tendo nos braços um delicado *King-Charles*, magra sem ser esqueleto, alta sem ser gigante, morena sem ser queimada, e com uns olhos que pareciam pousar com preguiçoso carinho nos differentes objectos e pessoas que passavam diante delles; cabellos abundantes e negros como azeviche, mãos de andaluza, e a postura suavemente flexivel, que é qualidade das mulheres do meio-dia e do oriente. Ahi está o retrato da menina.

Acompanhava-a uma senhora de idade, que me disseram era sua mãe. Custou-me a crer, e depois soube que tinha razão. Acostumado a ver em Paris, e nas minhas viagens em Allemanha, mães alugadas ao mez, e que, já se sabe, apparecem cada anno com differente descendencia, conheço o typo, que é na verdade, curioso.

A mãe alugada, aforada ou comprada, que asha de todas essas especies, é mais rigida e severa do que a mãe natural, desconfiada da fortuna de quantos se approximam da menina, de mau humor para quasi todos os homens, zelosissima da seriedade das conversações, e em tudo e por tudo pessoa de grande respeito e virtude, em quanto a supposta filha não determina o contrario. Quando esta lhe deixa acabar a corda do zelo maternal, transforma-se na mais descarada creatura que pôde imaginar-se, e chega a fazer córar de pejo a tal supposta prole.

Ora, como me diziam que a joven senhora era uma fidalga, o que as armas da carruagem com coronel de marquez me tinham indicado, julguei que a outra mulher não podia ser mãe, porém uma especie de representante da antiga *duegne*, da qual as mães de aluguer teem a pertença genealogica de descenderem por varonia.

—Essa senhora tão moça como é—segredou-me o estalajadeiro de Burgos—tem o desembarço e gallardia de um homem, e é o que lhe tem valido, coitada!

—Então porque? Em que pelepas tem ella andado mettida? É pessoa d'aqui perto?

—É a senhora marqueza de Lovera. Vive em uma casa d'aqui cinco leguas. O que ella tem passado com a familia é uma novella. Pergunte por isso em Madrid, e ouvirá cousas curiosas.

A elle é que eu ia perguntar tudo, porém chamáram-o, e foi-se embora. Ao ver-me descer, veio ao meu encontro, e disse-me que não deixasse de fallar com a minha companheira de viagem.

—Olhe que é a perola da Castella Velha,—acrescentou o honrado estalajadeiro—como essa não ha outra cá nas terras do Cid, nem talvez no resto da Hespanha, Eu conheço-a desde menina, e fui muitos annos criado de seu pae.

Cheguei ao caminho de ferro com grande curiosidade de conhecer a marquezita de Lovera, e de ver se nas 8 horas e meia da viagem ganhava a sua con-

fiança de tal maneira, que ella propria me contasse a sua historia, visto que tão interessante e extraordinaria era, a ter de acreditar o antigo criado do marquez.

Quando cheguei á gare, já ella lá estava sentada em uma cadeira na sala da 1.^a classe, e lendo um jornal. Entrei, saudei as pessoas que estavam; ella ergueu os olhos do papel, e correspondendo á minha saudação geral com um leve movimento de cabeça, continuou a lêr, segurando o jornal com as duas mãos, de modo que a parte superior dobrava para o lado de fóra, deixando lêr o titulo.

Sentei-me perto della, e quiz saber que periodico era aquelle, porém as letras gothicas com que o nome estava escripto exprimiam duas palavras inteiramente desconhecidas para mim. Imaginei que lia mal, e aguardei occasião de examinar melhor essas duas palavras. Entre ellas vi distinctamente tres mãos unidas, uma saindo de um lado, outra do outro, e a terceira de cima para baixo.

Estava um francez ao meu lado, que tambem olhava com curiosidade para o titulo do jornal, e que não o lia melhor do que eu.

—É singular, disse-lhe eu em francez, que não possa ler aquellas letras gothicas!

—Nem eu tão pouco; me retrucou o homem, devem ser palavras antigas; talvez alguma expressão arabe.

A marqueza sorriu, parou de ler, e, como se tivesse começado comnosco esta conversação, disse dando-nos o periodico:

—Não é arabe. É biscaíno que é mais difficil.

Levantámo-nos ambos para lhe agradecer esta fineza, e principalmente a de nos permittir que conversassemos com ella, e lemos finalmente o titulo do jornal. Fui eu quem o soletreu.

Irurac Bat, que em vulgar significa *tres em um*. A trindade, que as mãos representam, e que o titulo do periodico affirma, é a reunião das provincias de Biscaia, Alava e Guipuscoa.

O jornal era de 2 de março, e tinha por folhetim a grammatica da lingua biscaína, publicada com a paginação propria para se cortar, e fazer um livro. O *Irurac Bat* é impresso em Bilbáo, escripto em hespanhol, e do formato do *Commercio do Porto*.

Quando restituimos o periodico á Marquezita, do- brou-o e deu-o á velha aia, dizendo ao meu visinho:

—São palavras barbaras desta peninsula. Os senhores em França dizem que a Africa começa nos Pyreneus. Por isso, não se admire se encontrar por estas terras cousas desusadas.

—Se os meus compatriotas viajassem em Hespanha, e vissem o que eu tenho ensejo de ver, não di- riam aquella semsaboria, mas elles, minha senhora, acrescentou o francez, desculpam-se por esse modo da preguiça e descuido de visitar os paizes estrangeiros.

—Todavia, eu tenho visto em Hespanha muitos francezes contentes da nossa barbaridade africana.

Mas confesso que só encontrei um que fosse curioso da lingua biscainha. Encontrei-o em uma casa onde foi de visita, e disseram-me que pertencia á familia Bonaparte.

—Havia de ser da familia do principe Luciano, disse o francez, Ha um que é polyglotta. Entretanto eu prefiro viajar em Hespanha, visitar os magnificos monumentos desta terra, e admirar a força e mocidade do povo hespanhol, a aprender o biscainho, que me dizem ser muito difficil.

—Não é facil, não. Mas vence-se com trabalho e persistencia, como todas as cousas difficeis deste mundo. Eu aprendi-o por ouvir dizer que era uma das linguas da torre de Babel. E no fim de contas quem vive no campo, principalmente de inverno, precisa de distracções, e devo-as muito grandes ás difficuldades da lingua biscainha.

Nisto abriu-se a porta da sala de espera, e cada um foi tratar de escolher wagon. O francez, as senhoras e eu, que não proferira palavra, entrámos no primeiro que nos ficava em frente, e ali dispuzemos os saccos, guarda-chuvas, mantas e mais trapalhadas que os viajantes trazem consigo, principalmente nas primeiras viagens.

Um cavalheiro hespanhol, que depois soube ter sido militar, e haver tomado o gráo de doutor em direito na universidade de Salamanca, entrou na nossa carruagem.

D'ahi até Valladolid conversamos constantemente

acerca do caminho de ferro, da influencia que a celeridade das communicações devia ter na prosperidade da Hespanha, e de cada terra notavel que iamós passando, o hespanhol dizia-nos o nome e as noticias que lhe lembravam, e que mais do que uma vez a Marquezita completava com sciencia historica não vulgar, porém sem a menor affectação.

Pela minha parte, quando passámos defronte das Huelgas, não pude deixar de lhes fallar da D. Branca de Garrett. Autor e poema lhes eram desconhecidos.

Fizeram-me repetir o nome do autor, e a Marquezita disse-me:

— Esse senhor foi nomeado ministro de Portugal em Hespanha, ha annos. Eu estava então em Madrid em casa de meu tio, que era ministro da marinha, porém não me constou que elle viesse tomar posse do logar. E era um grande poeta, dizeis vós?

— Sim, minha senhora, grande poeta, nobre coração, alma generosa, e muito entendido em negocios e segredos de amor, como são sempre os que teem aquellas qualidades.

— Pena foi que não viesse! Por cá estimam-se os bons dotes, e entendem-se. Nós teremos todos os defeitos em Hespanha. Falta de sensibilidade e de affectos bons e sinceros, não temos. Lembra-se do assumpto do poema?

— Se me lembro! Pois não me hei de lembrar

de um dos melhores livros da litteratura moderna de Portugal!

—Visto que não conhecemos o livro, e nem o saberíamos lêr bem, se o tivéssemos aqui, bem podia contar-nos o enredo do poema. D'antes contavam-se ás castellãs historias de cavallarias. Não será menos appropriado contar ás pobres mulheres de hoje historias de amor.

—Com muito gosto; minha senhora.

E desde o principio ao fim, tal qual a minha memoria m'o permittiu, contei-lhe aquelle romance de D. Branca e de Aben-Affan com todos os seus episodios. Recitei mesmo alguns trechos mui pausadamente, e vi que os entenderam.

—O seu Garrett agrada-me, disse a marquezita. Se se vendesse a D. Branca em Madrid, comprava-a, e parece-me que chegaria a entendel-a. Ora diga-me se já alguma vez pensou na analogia que podia haver entre o talento do seu compatriota e o do nosso D. Angel de Saavedra. Sabe de quem fallo?

—Pois não sei! Nós todos conhecemos o duque de Rivas pelo titulo e pelo nome que tinha antes de herdar o ducado. Eu sou tanto dessa opinião, que chamo frequentes vezes ao Garrett, o nosso duque de Rivas.

E esta comparação só procede á cerca dos trabalhos litterarios e do genero que cada um adoptou, ou, para melhor dizer, restaurou ou quasi creou. Exteriormente, o duque de Rivas faz lembrar ou-

tro portuguez, não menos insigne, o duque de Palmella.

— Esse sr. Garrett já morreu?

— Sim, minha senhora, morreu. Se, realmente, tive a fortuna de excitar a sua curiosidade, peço licença para lhe offerecer as obras delle. De Madrid escreverei para Lisboa a pedil-as.

— Ora! não vale a pena!

— Pelo contrario, vale muito a pena que em Hespanha se conheça a litteratura portugueza. Se elle fosse vivo, e soubesse que uma senhora tão elegante desejára ler as suas obras, teria nisso grande contentamento, principalmente se a ouvisse fallar como eu tenho ouvido.

— Vamos, cavalheiro. Não seja lisongeiro. Portuguezes e hespanhoes são irmãos, e em familia não se gastam lisonjas. Eu aceito o seu presente. Veja lá agora se é como os francezes, que promettem muito, e nem mais se lembram do que prometteram.

— Eu sou portuguez, minha senhora.

— Bem vejo, respondeu ella, sorrindo.

Este sorriso causou-me certa sensação, e animei-me a perguntar-lhe a causa delle. Riu de novo, e não quiz dizer-m'a. Insisti, e afinal prometeu-me que o diria, mas a mim só. Passei para junto della, e aproximei o ouvido. A marquezita baixou a voz, mas de modo que se podia facilmente ouvir em todo o wagon, e disse:

— Eu sorri do orgulho com que os senhores dizem que são portuguezes.

— E acha máo que cada um se honre de ser o que é?

— Não. Pelo contrario. A independencia de Portugal tem-se sustentado pela força desse sentimento.

E depois, levantando a voz, accrescentou, sorrindo de novo:

— Não fique mal comigo por causa disto. Olhe que não lhe chamei *Finchado*.

— E que chamasse! Como nós, os portuguezes, segundo é opinião sua, devemos tanto a esse orgulho, que nos importa a palavra?

Nisto chegámos a Valladolid, onde o francez e o hespanhol nos deixaram para tomarem o caminho de Segovia. Eu, a marquezita e a aia continuamos para S. Chidrian.

A diligencia está prompta, vou partir. Diz-se que pararemos em um povo perto d'aqui para ceiar. Se tiver tempo, escreverei ainda d'alli.

VII

De como a marquesita de Lovera me nomeou seu ajudante de ordens, e eu acceitei a nomeação — Conversação em que um magistrado se declara anti-napoleonico, e decidido iberico — Abafa-se a discussão á vista de uma sôpa de alho com pão e ovos.

Estamos na primeira muda depois de S. Chidrian. Na cozinha preparam a ceia. Na sala estão reunidos os meus companheiros de viagem, outras pessoas chegadas aqui de diferentes sitios, um alferes que me parece ter 14 annos, e varias senhoras. Com esta gente se vão encher os logares vagos da diligencia. E eu que contava ir sósinho até Madrid, e dormir a somno solto, fazendo cama dos tres logares da berlinda! Paciencia. Dormirei sentado! Tudo é dormir.

A elegante marqueza separou-se de nós em S. Chidrian, e partiu para Madrid na sua excellente carruagem. Mora na rua da Atocha, ou para melhor dizer, vae alojar-se alli em uns quartos que ordinariamente habita o irmão della. Pediu-me que a fosse visitar logo que chegasse.

— Bem sabe o que me prometeu, disse ella ao entrar para a carruagem.

Bem sei, é verdade, a quixotesca promessa que fiz á marquezia, mas o leitor é que não sabe cousa alguma, e forçoso é que saiba tudo, para que não faça juizos temerarios ácerca destas relações, que em poucas horas já dão de si promessas de uma parte, e acceitação da outra. Pois descance, que não é cousa de cuidado.

Em Valladolid fiquei só no wagon com a marquezia e a aia. Já tinhamos conversado muito até então, e sempre ella se mostrára alegre, jovial e mesmo um pouco falladora, porém desde que deixamos Valladolid cessou de fallar, e parecia absorta em profunda meditação. Não procurei quebrar o fio das cogitações da marquezita, e como trazia comigo outra marquezia, a marquezia de Villemer, o tal romance de Georges Sand, deixei scismar a minha companheira de viagem, e entreguei-me todo á leitura já principiada em França.

Mas eu não gosto de ler em caminho de ferro. Ao cabo de poucos minutos aborreci-me, e fechei o livro com ruido. Nem pestanejou! Caspíte! Que meditação! Pois vou acorda-la daquelle estado de marasmo.

— Como vae pensativa, disse-lhe eu, Não parece a mesma de ha duas horas.

— É verdade, Pensava em você.

— Em mim?! E com que titulo tenho eu a honra

de entrar nos seus pensamentos e cogitações profundas?

—Com o titulo de homem honrado, que me parece ser, depois com o titulo de amigo se este lhe agradar, e finalmente com o de meu ajudante de ordens, se aceita a nomeação.

—Pois não, minha senhora. Estou prompto a ser seu ajudante de ordens, honrar-me-hei muito de vir a merecer a sua amisade, e creio que não mudará de opinião ácerca dos meus sentimentos honrados.

—Eu avaliei-os pelas idéas que lhe ouvi expender áquelles senhores que ficaram em Valladolid. Mas agora, que você aceitou o cargo, ha de querer saber qual é o serviço.

—Basta-me sabel-o quando me dér as suas ordens. Com tal general todo o serviço ha de ser agradavel.

—Não graceje. Olhe que isto é sério. Eu preciso de um homem que me ajude a fazer uma boa acção, que lhe ha de merecer a bençãos de uma familia inteira, e talvez de duas

—Basta que a minha consciencia approve, e que seja cousa do serviço de uma senhora.

—Dizem cá em Hespanha que os portuguezes são exagerados em tudo. Eu não posso dizer o mesmo; porém cortezes são como poucos.

—E o serviço?

—Ah! sim. Eu lh'o vou dizer, porém o melhor

seria contar-lhe a minha vida toda. Temo que seja demasiado longa.

—Não tema. Melhor é ouvil-a da sua bocca do que narrada pelo estalajadeiro de Burgos, que m'a tinha promettido.

—Coitado ! É muito bom homem. Foi criado de meu pae, e de certo lhe não havia dizer mal de mim.

—Pelo contrario. Disse-me que havia poucas se-
nhoras assim.

—Emfim, ahi vai a historia. Meu pai morreu, ha annos, deixando quatro filhos, Rodrigo, Telmo, Julio e Pepa. Minha mãe ainda vive. Ama-nos como já se não sabe amar n'este mundo, e nós todos morremos por ella. Porém padece muito dos nervos, e o minimo abalo ou sensação mais viva põe-a ás portas da morte. Meus irmãos vivem em diferentes partes. Rodrigo é coronel de cavallaria. Telmo é official de marinha. Julio, que é o mais novo, vive quasi sempre em Madrid, e Pepa, que sou eu, faz companhia á mãe como qualquer outra aldeã. Já vê que não ha n'isto a mais pequena maravilha.

—Até aqui de certo não.

—Pois bem. Nós somos ricos. Meu pae tinha muito dinheiro em caixa e nos bancos; porém, desde a sua morte, minha mãe não tocou mais nas gavetas d'elle, nem nos seus papeis, nem consente que outros lhe bulam. Quando o procurador manda dizer que recebeu dinheiro dos bancos, ella ordena-lhe que o ajunte ao capital, eu escrevo a carta, e

ninguem mais falla em taes sommas. A menor pergunta causa-lhe accessos nervosos, e se um de nós puzesse mãos sacrilegas nas gavetas da mesa paterna, não sei se ella morreria.

—Isso é um capricho nervoso, provavelmente.

—Creio que sim, porém capricho, mania ou o que quizerem, este proceder causa desarranjo a meus irmãos, cousa que se não pôde dizer á doente. Rodrigo perdeu um excellente casamento por essa causa. Telmo vive constrangido entre os seus camaradas, que o julgam rico, e que pelo seu viver economico o cuidam avaro; e Julio, ahí é que está a desgraça, tantas privações se impoz para viver em Madrid, que converteu a necessidade em vicio, e é o mais determinado avarento de Leão e de Castella.

—Que idade tem esse seu irmão?

—Vinte e oito annos.

—Máu. Muito máu. N'essa idade a cura deve ser difficil.

—É o que eu estou a receiar. Ora attenda. Eu sou mais rica do que meus irmãos. Uma tia deixou-me algumas terras nas ilhas Baleares, e como governo a casa pelo impedimento de minha mãe, passam-me pelas mãos os rendimentos dos bens dos nossos paes, e posso dispor de varias sommas. Sou uma administradora, a quem se não tomam contas.

—Já vejo que do seu bolsinho particular sahem mesadas para seus irmãos, e que, se é necessario, junta alguma cousa do rendimento da casa.

—Certamente. Eu mando uma mesada a cada um, e pago as despezas extraordinarias que elles exigem, porém tudo isto é em ponto pequeno, porque o meu rendimento não chega para tres homens que vivem separados, e do rendimento da casa sae a sustentação da familia que é numerosa em criados antigos e modernos, de sorte que, sendo a nossa fortuna principalmente em dinheiro, e este não estando á minha disposição como as outras rendas, não posso dar-lhes quanto elles precisam.

—Entretanto, quem viaja, como a sr.^a marquesa em carruagem particular, mal se póde crer que tenha occasiões de carecer de dinheiro.

—Não me chame prodiga ou mal governada. Minha mãe quer que tudo se faça em casa, e fóra d'ella, como no tempo de meu pae. Por isso temos ao nosso serviço muita gente inutil, e no trato da casa um luxo que eu detesto.

—Entendo perfeitamente, e peço desculpa da observação que fiz. Ainda bem que sua mamã é assim. Receiaria que á força de obedecer á idéa de soccorrer seus irmãos se fizesse tambem avarenta.

—Eu? Não tenha medo. Detesto a avareza, e não gosto da prodigalidade.

—Não sei porque não vendeu as terras das Balears para tornar possivel o casamento de seu irmão Rodrigo. Esse sacrificio devia vir-lhe á idéa.

—Quiz fazel-o, mas não achei logo comprador. Depois pensei que defraudava os outros dois, e an-

tes quiz conservar pouco para todos, do que sacrificar Telmo e Julio a Rodrigo. Eu faço quanto posso, e deixo-lhes acreditar que é a mamã quem lhes manda o dinheiro. Assim são menos exigentes, e aceitam o que lhes mando. Se soubessem que eram minhas aquellas pequenas sommas, não as quereriam receber por delicadeza.

— Mas se um dia casar?

— Casar eu? Bem vê que não pôde ser. Eu estou casada com a velhice e doença de minha mãe, e com a prosperidade de meus tres irmãos. São quatro maridos a quem presto obediencia e fidelidade.

— Grande coração possue, minha senhora. O seu procedimento talvez é natural, mas eu admiro-o, e sinceramente lhe digo que me encanta vêr que ainda ha almas como a sua.

— Não se enthusiasme, sr. portuguez. Eu faço o meu dever. Porém as difficuldades surgem de onde menos se esperam. Minha mãe, haverá seis mezes, teve grandes allivios nas suas enfermidades nervosas, e, aproveitando esse intervallo, escreveu á condessa de Relta, sua antiga amiga, pedindo-lhe que olhasse por Julio, que estava em Madrid. A Julio escreveu que fosse vêr a sr.^a de Relta, e d'aqui esperava ella que podesse provir um casamento entre meu irmão e a filha unica da condessa, que é uma herdeira riquissima. A condessa percebeu a idéa de minha mãe, e respondeu-lhe que olharia por Julio, como se fosse o noivo de sua filha. Meu irmão veiu com effeito a

gostar da senhorita. Ajustou-se o casamento, porém, quando eu estava a vestir-me para marchar para Madrid, onde elles deviam casar-se no principio de abril, recebi esta carta. Leia.

Peguei na carta e li o seguinte :

«Minha querida Pepa.

«Estou afflictissima, e vou de certo affligir-te. Minha filha, estando ainda hontem pela manhã muito contente com os presentes que lhe dera teu irmão, veio hoje dizer-me a chorar, que não queria casar com elle. Por mais que lutei para saber o motivo, não o pude conseguir. Conhecendo a alma nobre e delicada de Margarida, estou espantada d'este desenlace.

«E que havemos de fazer com tua mãe? A minha boa amiga não resiste a este successo inesperado! Não lhe digas nada. E aconselha-me, lembra-me algum meio não de lh'o dizer, mas de concluir este casamento, que eu tanto desejo. Bem sabes que a tua familia é como se fosse minha, e tu e Margarida são para mim irmãs.

«Escreve-me já ou vem a Madrid. Talvez juntas alcancemos o que não póde obter a tua triste amiga.

«ANNA.»

Fechei a carta, e entreguei-a á marquezita, que durante a leitura espreitava na minha physionomia a sensação que me causava.

—Esta carta é leal. A senhorita tem algum motivo repentino para rejeitar esse casamento. Ora o motivo francamente não pôde vir senão de seu irmão. Se foi porque a senhorita soube de alguma rapaziada d'elle, bagatella. É amuo de uma semana. Se elle por qualquer procedimento menos delicado a offendeu, ou perdeu a consideração e estima da noiva, então o caso é grave.

—Tem razão. Eu nem tempo tive de pensar n'isso. Fui despedir-me de minha mãe, que ficou entregue aos cuidados de uma prima nossa, annunciei-lhe que a condessa de Relta me escrevera, dizendo que me esperava em Madrid na quarta feira, e parti immediatamente com a sr.^a Urbijo, que me acompanha.

—Muito bem. Mas em que posso eu ser-lhe util entre seu irmão, que não conheço, e a senhorita de Relta, que nunca vi?

—Pôde servir-me de muito. Ha cousas que eu não saberei penetrar, e que você conhecerá logo, assim que tratar com meu irmão, com a condessa e com a filha. Além d'isso, eu sinto necessidade de ter alguém que me ajude n'este negocio, que pôde custar a vida á minha mãe. Você inspirou-me confiança, e eu, consternada por esta carta, não hesitei em lhe fallar com franqueza. Sabe o que fazem os que caem na agua, e não sabem nadar? Agarram-se a tudo e a todos. Assim faço eu. Porém ainda pôde dar a sua demissão de meu ajudante de ordens. Eu não quero abusar da benevolencia alheia por surpresa.